

AS AFRICADAS BAIANAS EM SERGIPE E ALAGOAS A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB

Andrea Mafra Oliveira dos Santos
(UFBA/CAPES/Projeto ALiB)

Salvador, Bahia, 40.296-295, Brasil

mafra.andrea@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar as “africadas baianas” na fala sergipana e alagoana. Foram selecionados 36 inquéritos do Projeto ALiB, sendo 16 nas capitais sergipana e alagoana e 04 em cada uma de duas cidades do interior de Sergipe e Alagoas. Os informantes estão distribuídos em duas faixas etárias, de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, divididos igualmente entre os dois sexos. Os resultados apontam para a aplicação do fenômeno nas cidades estudadas. Os informantes da segunda faixa fazem maior uso da forma palatalizada, o que pode apontar para um processo de desaparecimento dessas africadas.

0 INTRODUÇÃO

A palatalização das consoantes oclusivas dento-alveolares /t,d/ quando precedidas da semivogal palatal alta tem sido objeto de algumas pesquisas no país tanto em estudos sincrônicos quanto diacrônicos. Embora a maior parte dos trabalhos ainda não se ocupe de averiguar a sua origem, sabe-se que essa palatalização está presente nas normas populares, é uma variante que não goza de nenhum prestígio social.

Silva Neto (1979) em seu livro *História da Língua Portuguesa* afirma que há um importante traço do consonantismo no dialeto baiano, isto é, a palatalização das consoantes oclusivas dento-alveolares no decurso -it. As africadas baianas, como é chamada essa palatalização para os decursos -it e -id, são registradas quando a semivogal palatal alta está presente na sílaba anterior, ocorrendo com frequência o desaparecimento do segmento condicionador, como, por exemplo, em *muncho* (= muito) e *otcho* (= oito).

Para Mota e Rollemberg (1997), o caráter estrático das variantes africadas baianas é evidente, em Salvador, e se confirma na baixa frequência nos informantes pertencentes ao nível superior do Projeto NURC. Observa-se também no estudo de Santos e Mota (2008) que a escolaridade é um fator social que influencia o uso da variante em questão. Percebe-se, então, que para esse fenômeno o fator condicionador linguístico está intimamente associado a fatores sociais.

Analisa-se neste artigo a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dento-alveolares /t,d/ depois de semivogal palatal nos estados de Sergipe e Alagoas, além de investigar quais são os fatores sociais e linguísticos que motivariam o seu uso. Objetiva-se delimitar os fatores linguísticos e sociolinguísticos e observar se há mudança em curso no que se refere à palatalização em estudo.

Este trabalho está inserido em um Projeto maior, de âmbito nacional, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A ideia de um atlas linguístico geral do Brasil, lançada em 1952 foi retomada por pesquisadores da área de Dialectologia por ocasião do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil. Foi, então, constituído um Comitê Nacional que se

encarregaria de implementar o Projeto Nacional para a execução de um atlas linguístico do Brasil.

Como o principal objetivo do Projeto ALiB é descrever a realidade linguística brasileira no tocante à Língua Portuguesa e contribuir para o entendimento dessa língua como instrumento social de comunicação diversificado, o presente trabalho pretende, de alguma maneira, contribuir para essa desafiante empreitada.

À luz da Sociolinguística Variacionista, esta pesquisa procura descrever o comportamento dessa palatalização através de resultados quantitativos observados estatisticamente.

1 METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa, apoiou-se, do ponto de vista teórico, na Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, procurando contemplar, de modo sistemático, além da diatopia, as dimensões sociais como a diagenérica, diageracional, diastrática e diafásica e na Sociolinguística variacionista, com base nos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1963, 1966, 1972, 1982 e 1994).

Na elaboração do corpus, foram selecionados 20 inquéritos no estado de Alagoas (Maceió, União dos Palmares, Santana do Ipanema, Arapiraca) e 16 no estado de Sergipe (Aracaju, Propriá e Estância), ou seja, 04 inquéritos em cada uma das cidades do interior e 08 nas capitais. Esses municípios foram escolhidos a partir do alto índice de palatalização encontrados em alguns estudos prévios (cf. Santos e Mota, 2008).

Dessa maneira, os corpora estão organizados de acordo com os seguintes fatores sociais analisados: (i) diagenerico, visando a verificar se há diferença entre a fala masculina e a feminina; (ii) diageracional, comparando a fala dos informantes mais velhos com a dos mais jovens; (iii) diastrático, analisando o comportamento linguístico dos mais escolarizados em relação aos menos escolarizados.

A escolaridade será o fator social de maior relevância para esta pesquisa, haja vista que esse fenômeno é estigmatizado pela norma padrão, além da idade que permitirá um estudo da variação sincrônica em tempo real.

Os informantes, de acordo com o previsto na metodologia do Projeto ALiB, estão distribuídos em duas faixas etárias, a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos, divididos igualmente entre os dois sexos. Essa divisão permitiu que fosse possível analisar mudanças em curso, utilizando o estudo em tempo aparente e também as diferenças entre a fala de homens e mulheres em relação à palatalização em estudo.

A fim de atender as questões diatópicas, os informantes são nascidos nas cidades estudadas e são filhos de pais também nascidos na região e sem grande mobilidade geográfica.

Amparando-se em alguns estudos feitos (cf. Santos e Mota, 2008), a hipótese inicial é considerar o caráter diastrático do fenômeno em questão. Porém, essa análise só pode ser feita nas cidades de Aracaju e Maceió, visto que somente nas capitais do Brasil, os informantes inquiridos estavam estratificados em dois graus de escolaridade: fundamental e superior. Nas cidades do interior foram inquiridos apenas indivíduos de nível fundamental de escolaridade.

As entrevistas têm duração de 2h e 30 min, aproximadamente e os informantes respondem um Questionário Linguístico que está subdividido em outros questionários: o questionário fonético-fonológico (QFF), com 159 perguntas, além de questões de prosódia; o questionário semântico-lexical (QSL), com 202 questões, que tem a finalidade de obter designações diferentes para um mesmo conceito, objeto, coisa ou acontecimento; o morfossintático (QMS), com 49 perguntas, questões de pragmática, temas para discurso semidirigido, metalinguística e texto para leitura.

Nesta pesquisa foi considerada como variável dependente a presença ou não da forma palatalizada, isto é, considerou-se aplicação quando houve a variante africada e não aplicação quando não houve.

A partir dessa análise, as ocorrências selecionadas foram codificadas, criando-se, assim, um arquivo de dados que, posteriormente, foram submetidos ao pacote de programas computacionais em sua versão para Windows, o GOLDFARB.

2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na análise quantitativa dos dados os fatores mais significativos dentre os selecionados pelo GOLDFARB foram os fatores geolinguístico e sociolinguísticos que serão aqui apresentados. Entre os fatores lingüísticos destaca-se apenas tipo de discurso.

2.1 FATOR DIATÓPICO

Com relação ao estado de Alagoas, o peso relativo mais elevado encontra-se na cidade de União dos Palmares, com 0,72, seguindo-se Maceió, com 0,68, de Arapiraca com 0,60, e por fim Santana do Ipanema com 0,10, como aponta o gráfico 1.

No estado de Sergipe, o peso relativo mais elevado encontra-se na cidade de Estância, com 0,50, seguindo-se Propriá, com 0,45, e por fim Aracaju com 0,26.

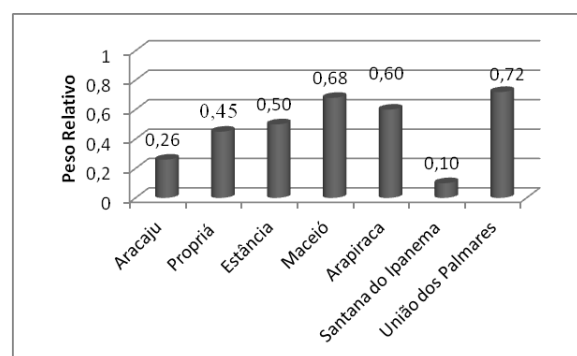
Confrontando-se os dados da capital e do interior, a primeira hipótese foi considerar que na capital a aplicabilidade da regra seria menor do que nas cidades de interior, visto que esse fenômeno é bastante estigmatizado

e as capitais, teoricamente, estariam mais expostas aos meios de comunicação e às escolas e conseqüentemente à norma-padrão. No entanto, ocorreu o contrário comparando a capital Maceió com a cidade de interior Santana do Ipanema.

Esses dados podem revelar que com os processos migratórios e com a globalização, também pode haver nos grandes urbanos uma elevada parcela de pessoas que não tem acesso as escolas e, conseqüentemente, a norma padrão e que o contrário também pode ocorrer nas cidades interioranas.

Faz-se necessário, assim, a combinação da diatopia com outros fatores sociolinguísticos para se ter uma análise mais precisa dos dados e se tentar buscar uma justificativa para esses números.

Gráfico 1: VARIAÇÃO DIATÓPICA
/t,d/ depois de /j/

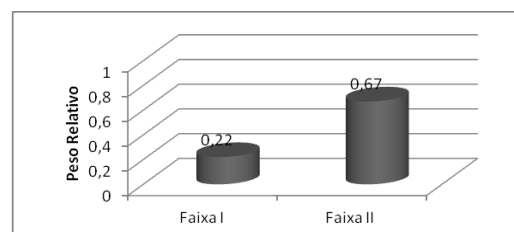


2.2 FAIXA ETÁRIA

Na intenção de se realizar um estudo em tempo aparente, foram consideradas duas faixas etárias, adotando, como já foi dito, a metodologia do Projeto ALiB. A primeira, correspondendo 18 a 30 anos e a segunda faixa etária 50 a 65 anos.

Observou-se assim que os informantes da segunda faixa etária preferem a forma palatalizada, com 0,67 de peso relativo, enquanto a faixa I tende a manter a variante dental, com 0,22 de peso relativo, como demonstra o gráfico 2.

Gráfico 2: Distribuição Diageracional
/t,d/ depois de /j/



Mais uma vez os dados concordam com o trabalho de Mota e Rollemberg (1997) que observam, em Salvador, uma maior frequência da variante palatalizada nos informantes mais velhos. Embora a estratificação da idade feita no estudo supracitado não seja a mesma do presente

trabalho, nota-se que o fator idade contribui para a aplicação da regra.

Percebe-se, dessa forma, que os informantes mais jovens são os que fazem maior uso da variante dental, considerada de prestígio.

A variável idade, neste trabalho, foi o fator social considerado mais relevante pelo programa Goldvarb. Segundo Fernández (1998), a idade dos informantes é um dos fatores sociais que têm a maior força para determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala. A idade condiciona com mais intensidade do que os outros fatores sociais considerados também muito importantes, como o sexo e a classe social.

2.3 GÊNERO

Com relação à união variação diatópica e gênero, os resultados apontam para um maior uso da variante palatalizada pelo sexo masculino. Por outro lado, em Propriá e Arapiraca ocorre o contrário. Isso se deve ao fato de a mulher de faixa etária 2 da cidade de Propriá e a de Arapiraca realizar apenas essa variante, sendo as únicas informantes das cidades estudadas que não fazem alternância entre as duas variantes em questão: dental e palatalizada. Para explicar esse fato, cita-se Chambers e Trudgill (1994, p. 111) que afirmam que as características idioletais dos informantes podem reger as diferenças de comportamento linguístico daqueles que pertencem à uma mesma categoria social.

Existe uma relação estabelecida entre linguagem e gênero pelos estudos sociolinguísticos que se referem à variação e à mudança. Os estudos de Labov (2001) em uma comunidade de fala na Filadélfia demonstraram o que o linguista chamou de paradoxo do gênero, e inclui a seguinte conclusão global: as mulheres usam níveis mais baixos de variáveis estigmatizadas do que os homens. Essa conclusão corrobora os dados desse trabalho nas cidades analisadas e é contrária apenas em Propriá e Arapiraca.

Dessa maneira, como qualquer outro fator extralinguístico, o gênero não pode ser analisado separadamente, por isso fizeram-se necessários outros cruzamentos, como por exemplo, entre gênero e faixa etária.

Verifica-se que a faixa etária dos informantes é a variável mais importante para esse estudo, pois não importando o gênero, a faixa etária do informante é um fator condicionador para a escolha dessas variantes. Neste caso, o uso da variante palatalizada é mais produtiva na segunda faixa etária, independente do gênero, como apontam os gráficos 3 e 4.

Gráfico 3: Distribuição Diageracional e Diagenérica-Homem
/t,d/ depois de /j/

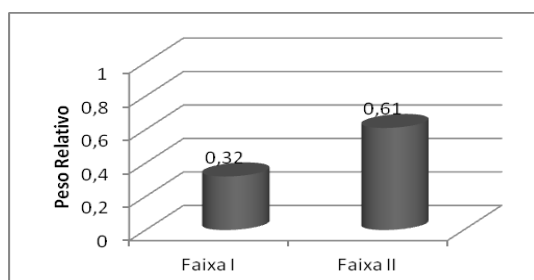
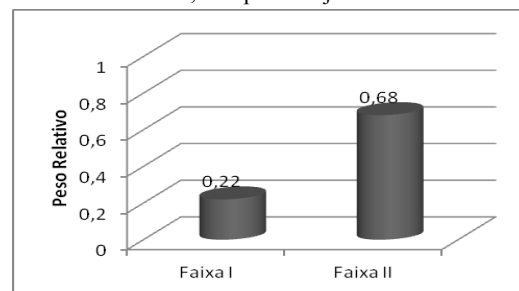


Gráfico 4 : Distribuição Diageracional e Diagenérica-Mulher
/t,d/ depois de /j/



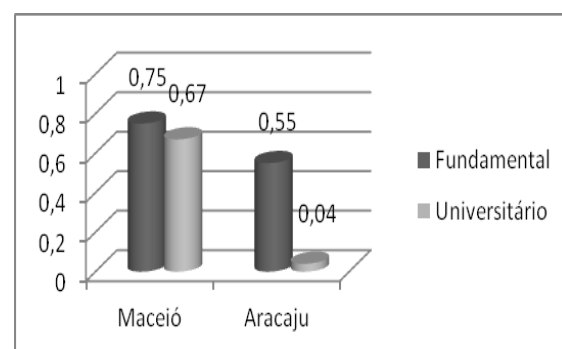
Outros cruzamentos foram feitos para se obter respostas mais concretas, porém o programa Goldvarb excluiu todas essas outras tentativas.

2.4 ESCOLARIDADE

Para observar as diferenças de comportamentos entre informantes mais e menos escolarizados foi necessário introduzir também os informantes de nível superior das cidades de Aracaju e de Maceió. Neste caso, as cidades do interior foram retiradas, visto que possuem apenas informantes de nível fundamental.

Considerando os informantes de nível fundamental e superior da cidade de Aracaju, percebe-se que os informantes de nível fundamental utilizam mais a forma palatalizada, com 0,55 de peso relativo, do que os de nível superior, com 0,04 de peso relativo. Em Maceió, verifica-se o mesmo comportamento, porém a diferença entre os dois níveis de escolaridade é menor em relação a Aracaju, como demonstra o gráfico 5.

Gráfico 5: Variação diastrática
/t,d/ depois de /j/

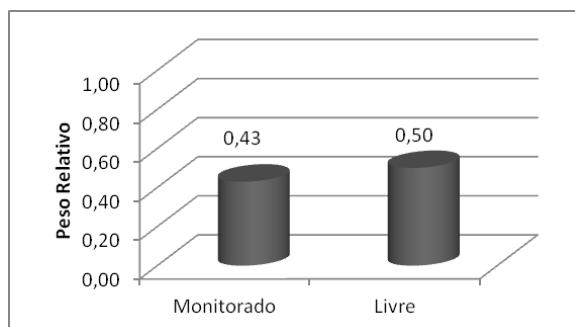


Nesse momento, vale citar o comentário do informante masculino, de nível superior, da cidade de Aracaju, afirmando que as pessoas do interior ou os de pouca cultura utilizam a variante petcho, mas que o correto seria peito, apontando, assim, para o estigma que carrega a variante palatalizada.

2.5 TIPO DE DISCURSO

Quanto ao tipo de discurso, percebe-se que há uma probabilidade maior no tipo de discurso livre, com 0,50 de peso relativo, opondo-se a 0,43 para o monitorado, como aponta o gráfico 6.

Gráfico 6: Tipo de discurso
/t,d/ depois de /j/



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que, para as variantes condicionadas pela presença da semivogal palatal precedente, os fatores extralinguísticos são relevantes. Os resultados apontam para a aplicação do fenômeno nas cidades estudadas.

Levando em consideração a variação diageracional, os informantes da segunda faixa etária têm preferência pela variante palatalizada em todas as cidades estudadas, o que pode indicar um começo de mudança. Para Labov (2006), “qualquer afirmação sobre a mudança é evidentemente uma inferência.”

Quanto ao gênero dos informantes, há uma diferença em relação aos dois sexos nas cidades analisadas, com preferência pela forma palatalizada pelos informantes masculinos. Apenas em Propriá e Arapiraca ocorre o contrário.

Analisando a escolaridade em Aracaju, verifica-se que a diferença entre os dois níveis de escolaridade é muito expressiva com índices mais altos de palatalização no nível fundamental. Em Maceió, a diferença entre os dois níveis de escolaridade não é tão significativa. Os dois níveis têm preferência pela forma palatalizada.

Quanto ao tipo de discurso, percebe-se uma probabilidade maior de uso da forma palatalizada nos discursos livres, opondo-se ao discurso monitorado.

Outros cruzamentos fazem-se necessários, posteriormente, para uma melhor análise dos dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. La Dialectologia. Trad. de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994. [Dialectology. Cambridge. University Press, s.d].
- [2] CUNHA, Ana Stela; BUENO, André P. situações linguageiras favorecedoras da difusão do português: a África na Historiografia Lingüística brasileira. Disponível em WWW.fflch.usp.br/dl/gela/downloads/Cunha/Cunha_e_Bueno_port.pdf. Acesso em 24 de junho de 2010.
- [3] DIAS, Ana Lourdes Cardoso. Processos de palatalização no Português: Lagoa da Pedra e Canabrava-TO. Goiânia. UFGO. Dissertação de Mestrado, 2009.
- [4] FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.
- [5] FURLAN, Oswald. Aspectos da influência açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (orgs.). Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- [6] HORA, Dermeval. Comportamento das oclusivas dentais /t/ e /d/ na comunidade pessoense. Comunicação apresentada ao XI Encontro Nacional da ANPOLL. João Pessoa, 1996. Texto digitado.
- [7] LABOV, William. Padrões Sociolingüísticos. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- [8] _____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (Orgs.). Perspectives on historical linguistics. Amsterdam: J.B. Publishing Company, 1982.
- [9] _____. Principles of linguistic change. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1994.
- [10] _____. The gender paradox. In: Principles of Linguistic Change: social factors, Oxford: Black Well, Vol. 2, 2001. p. 261-293.
- [11] MOTA, Jacyra Andrade. Sobre o traço palatalidade em Ribeirópolis (Sergipe). Tese para concurso de professor assistente. Salvador, Instituto de Letras, UFBA, 1973.
- [12] _____. A Variação Diafásica no Português do Brasil. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza, 2001. Texto digitado.
- [13] MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, Dermeval da (org.). Diversidade Lingüística no Brasil. João Pessoa: Idéia, 1997. p.131-140
- [14] SANTOS, Andréa Mafra Oliveira dos; MOTA, Jacyra Andrade (Orientadora) . A variação diastrática no português do Brasil: palatalização das oclusivas dento-alveolares em inquéritos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. In: XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, 2008, Montevideú. XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, ALFAL, 2008. Ed. em CD
- [15] SILVA NETO, Serafim da. História da língua portuguesa. 3.a ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. p.624
- [16] WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.